

Saída de santo: dos artefatos simbólicos à estetização do sagrado do Candomblé no Terreiro T'Aziry Ladè, de Caruaru-PE

Saint's exit: from symbolic artefacts to the aestheticization of the sacred of Candomblé at Terreiro T'Aziry Ladè, in Caruaru-PE
Leandro Tiago Ferreira¹

No agreste pernambucano, no município de Caruaru, as práticas religiosas afro-brasileiras resistem às imposições coloniais e ressignificam os espaços nos quais desdobram-se em práticas estéticas. Na região periférica do Monte Bom Jesus reside um dos pilares para a conservação do Candomblé Jeje-Mahi, o Terreiro T'Aziry Ladè. Esse espaço atua como difusor da religiosidade afrodiáspórica na região.

Dentre os processos que fomentam a continuidade das práticas da religião, é destacada a iniciação de neófitos/as, novos/as membros/as, que, após o cumprimento de ritos e interditos necessários, tornam-se um/a só ser com o sagrado. A culminação desse momento iniciático é a "saída de santo", ocasião na qual o/a Vodunsi² é apresentado/a à sociedade na condição de filho/a de santo de um terreiro, oficializando sua relação com o divino ali constituído.

Permeado por formas de simbolização inerentes à natureza humana, esse rito é marcado pela utilização de artefatos que reiteram a presença do sagrado em terra, que direcionam o olhar dos adeptos da religião do invisível a uma experiência estética, sensível. O ensaio visual apresentado a seguir objetiva, por intermédio da fotografia, a cristalização da estética dos artefatos e indumentárias compositoras do sagrado afro-brasileiro. O recorte estipulado para essa narrativa remonta a iniciação para o vodun³ Bessem, divindade ofídica cujo domínio se estende às chuvas, à temporalidade cíclica e à fecundidade.

Os registros fotográficos designados são provenientes da cartografia do campo desenvolvida na dissertação de mestrado desenvolvida no Programa de Pós-graduação em Educação Contemporânea da Universidade

1

Mestrando em Educação Contemporânea e Bacharel em Design. Universidade Federal de Pernambuco – Campus Acadêmico Agreste (UFPE - CAA), Caruaru – Pernambuco (PE) – Brasil

2

Palavra de origem Fon, proveniente dos povos do Benim. No Brasil, é empregada no Candomblé Jeje-Mahi para designar pessoas cuja iniciação na religião ainda não possui um ano completo.

3

Palavra de origem africana, comum às linguagens Fon, Gun e Ewe. Designa, de maneira genérica, "espírito". No Brasil, remete às divindades cultuadas nos Candomblés de nação Jeje, oriundos dos cultos de tais populações.



Federal de Pernambuco (UFPE). Esse processo de imersão desmistifica o olhar reservado à aforreligiosidade e decoloniza o imaginário acerca das liturgias não-hegemônicas.

Neste ensaio visual, são fotografados os artefatos que integram as cerimônias afro-brasileiras, suas participações e funções na religiosidade do candomblé. Da quartinha de Exu, que comunica a abertura dos rituais, aos atabaques e xequerês, que musicalizam o compasso sincopado dos ritos, até o adjá brandido pelas mãos de pais e mães-de-santo a guiar o vodun recém-iniciado, assim como o draká e a lança empunhada por essa divindade, em transe no corpo de seu neófito, que comunicam a presença de Bessem em terra. A orientar os sentidos para o sagrado e suas formas de circular sensivelmente o axé, tais artefatos são centrais para os ritos de terreiro.

Figura 1 - Quartinha de Exu



Fonte: acervo do autor.

Figura 2 - Atabaques e xerês em movimento



Fonte: acervo do autor.

Figura 3 – A nova Vodunsi é guiada ao centro do salão



Fonte: acervo do autor.

Figura 4 – As mãos da mãe-de-santo brandem o adjá



Fonte: acervo do autor.

Figura 5 – Bessem mira ao solo o draká e a lança



Fonte: acervo do autor.

Figura 6 – Um abraço sela a união entre Bessem e as mãos que o guiaram no salão



Fonte: acervo do autor.